

Dentro desta política, o Irã reiniciou uma campanha de apoio aos curdos¹, que havia sido suspensa pelo Xá em 1975, patrocinando ataques terroristas contra membros do governo iraquiano. Um dos mais graves foi o atentado contra a vida do Primeiro Ministro Tariq Aziz em 1º de abril de 1980, quando este fazia um discurso público na capital iraquiana Bagdá. Duas semanas depois o Ministro da Informação escapou de ataque semelhante e naquele mesmo mês pelo menos vinte funcionários foram mortos em atentados realizados pelos xiitas.

A princípio, a militância iraniana era contrastada com a atitude de apaziguamento do Iraque, onde o regime do partido Baath parecia ignorar a influência dos iranianos nas atividades terroristas em seu país e não aproveitou o caos da revolução iraniana para explorar possíveis ganhos territoriais.

Buscando manter relações amistosas com Teerã o governo iraquiano convidou o Primeiro-Ministro iraniano a visitar Bagdá, considerando que tal ato reforçaria as relações históricas entre as duas nações.

O Presidente Saddam Hussein, ainda em 17 de julho de 1979, pouco depois de ser empossado no cargo, reforçou o desejo de estabelecer relações com o Irã a fim de encetarem cooperação entre os dois países em base que visasse a não interferência nos assuntos internos mútuos. Mas no final daquele ano o governo iraquiano se viu diante da necessidade de conter as atividades subversivas iranianas em seu país; e passou a combater diretamente as organizações terroristas suprimindo-as, expulsou do país cerca de 100.000 xiitas e começou a organizar um movimento pan-arábico apoiando organizações árabes separatistas dentro do Irã.

Estas atitudes de forma alguma impressionaram os aiatolás. Em 8 de março de 1980 o Irã anunciou que estava retirando seu embaixador de Teerã com todo o pessoal diplomático. No mês seguinte, a situação se agravou quando começaram as escaramuças na fronteira, duelos de artilharia e até ataques aéreos limitados. As atividades

terroristas e o crescente aumento das atividades militares na fronteira tornaram muito difíceis as ações do governo iraquiano, que não queria uma guerra naquele momento, pois com a alta do preço do petróleo a economia iraquiana gozava de uma prosperidade sem precedentes em sua história. Sua receita anual subiu de um bilhão de dólares em 1972 para vinte e seis bilhões em 1980, possibilitando grandes desenvolvimentos em infraestrutura com projetos de obras em todo o país. Preparava-se também para realizar em Bagdá em 1982 uma reunião dos países não alinhados e o padrão de vida do povo iraquiano estava melhorando e até em ascensão. Uma guerra naquele momento colocaria em xeque a posição política consolidada pelo partido Baath. Diante desta situação, o governo iraquiano teve que considerar que seria muito danoso estar à sombra dos iranianos. Compreenderam então que o governo revolucionário de Teerã era algo que eles nunca enfrentaram antes, e mesmo o governo anterior do Xá, considerado por eles militarista e ambicioso, pelo menos era nacionalista e nunca demonstrou nenhum interesse em interferir na política interna do Iraque.

O regime revolucionário iraquiano, por sua vez, era movido, em sua opinião, por uma ideologia intransigente e com objetivos totalmente incompatíveis com a política do partido Baath. Saddam Hussein passou a ver o regime iraniano como uma grande ameaça. Ele mesmo se mostrava agora no poder como um déspota, transformando seu governo num dos mais repressivos do mundo. Na verdade, antes mesmo de assumir como presidente, exercera forte influência política sobre o governo anterior controlando totalmente o partido Baath, livrando-se de forma brutal de seus inimigos políticos, que apresentava semelhança aos expurgos de Stalin, fazendo qualquer coisa para se manter no poder e estando agora disposto a explorar qualquer fraqueza demonstrada pelo regime revolucionário de Teerã, disposto inclusive a usar a força para tal.

¹ O Curdistão iraquiano é uma região iraquiana autônoma e separatista. Faz fronteira com o Irã (a leste), a Turquia

(ao norte), a Síria (a oeste) e com o resto do Iraque ao sul. Sua capital é a cidade de Arbil.

Em 7 de setembro de 1980, o governo iraquiano acusou os iranianos de bombardear cidades fronteiriças a partir de territórios que, pelo Acordo de Argel, eram considerados parte do Iraque; exigiu a retirada imediata das forças iranianas daquelas áreas; anunciou em 10 de setembro que estaria reocupando a região e que, uma

vez feito isso, seu assunto com o Irã estaria encerrado. Em 14 de setembro, o governo iraquiano reagiu denunciando o Acordo de Argel de 1975 que regulava as fronteiras entre os dois países. O governo iraquiano fez o mesmo três dias depois; estava aberto o caminho para a guerra.



Mapa do Teatro de Operações da guerra (Fonte: laifi.com)

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Os Primeiros Anos

Em 17 de setembro, Saddam Hussein se dirigiu ao parlamento iraquiano informando que as recentes violações territoriais iranianas invalidaram o Acordo de Argel e que, diante de tal situação, se via obrigado a restabelecer a região do rio Shatt al-Arab a seu status quo anterior ao Acordo, enfatizando que estaria restabelecendo a soberania histórica sobre o rio para o estado iraquiano. O resultado desta declaração não demorou a se manifestar. A força aérea iraquiana lançou ataques preventivos de surpresa contra dez bases aéreas iranianas na tentativa de destruir a sua força aérea ainda no solo, mas os iranianos estavam alertados dessa possibilidade e dispersaram seus

aviões, de forma que os ataques se mostraram infrutíferos no objetivo iraquiano de estabelecer a supremacia aérea logo no início do conflito.

Mas os planos iraquianos de invasão foram mantidos, sendo iniciada uma ofensiva através da fronteira com o Irã em três pontos diferentes ao longo de uma frente de mais de 600 km. O esforço principal de quatro das seis divisões foi dirigido contra o sul da província do Khuzistão visando separar o Shatt al-Arab do resto do Irã, estabelecendo uma zona de segurança na região sul entre os dois países. Duas daquelas divisões, uma blindada e a outra mecanizada, viraram diretamente para o sul para cercar as cidades

de Khorramshahr e Abadan enquanto outras duas divisões blindadas partiam de Basra e Amara para formar uma linha de envolvimento no setor de Khorramshahr-Ahvaz-Susangerd-Musian.

As operações ao longo da fronteira no norte e no centro ficaram estáticas, garantindo que forças iranianas não fossem deslocadas para o sul e também que não houvesse quaisquer contra-ataques naqueles setores. Um único movimento no centro visava justamente isso com a ocupação da cidade de Mehran, próxima da fronteira, mantendo o controle sobre as linhas de comunicações de modo que as rodovias não fossem usadas para bloquear o acesso dos iraquianos às montanhas Zagros caso fosse necessário. Ao norte foi ocupada Qasr-e-Shirin, para bloquear a tradicional rota de invasão entre Teerã e Bagdá e estabeleceu-se perto de Penjwin uma forte linha defensiva para proteger o complexo petrolífero de Kirkuk.

As forças invasoras não encontraram uma resistência organizada por parte dos iranianos em terra que, ao contrário da sua força aérea, não tinham conseguido completar os preparativos para a guerra. O Irã tinha uma única divisão blindada no Khuzistão, estando à maioria das unidades no interior ou no norte, ao longo da fronteira com a União Soviética, e no Curdistão, o que na realidade, apesar de permitir o avanço no sul, preservou suas forças intactas para lançar uma contraofensiva.

As forças iranianas, apesar da surpresa inicial e de seu despreparo se empenharam na defesa. A Guarda Revolucionária ao sul lutou com uma tenacidade que se tornaria comum nos combates contra as forças iraquianas, causando pesadas baixas ao avanço do inimigo. Uma batalha particularmente feroz foi a de Khorramshahr, no início de outubro, com cada lado sofrendo baixas em torno de 7.000 mortos e/ou feridos e os iraquianos perdendo mais de cem blindados. Quando a cidade finalmente caiu em mãos iraquianas em 24 de outubro tornou-se conhecida como a “Cidade Sangrenta”.

Na realidade, o que estava salvando o Irã não era sua resistência, mas a limitação dos objetivos pelos iraquianos. Estes, não foram à guerra com entusiasmo; estavam

mais preocupados com sua sobrevivência política do que com objetivos abrangentes; a guerra foi seu último recurso depois de tentar outras medidas para evitar a pressão iraniana; e pretendiam apenas impedir uma ameaça à sobrevivência do seu regime.

Esta estratégia de guerra refletia diretamente a atitude de Saddam Hussein, restringindo seus objetivos ao invés de destruir o exército iraniano, acreditando que o povo iraniano, diante daquela situação, exigiria o fim do governo revolucionário. Para se ter uma ideia da situação, os iraquianos só utilizaram metade de suas forças nas operações principais, evitando alvos de valores civis e econômicos e atacando somente alvos militares. Só depois que os iranianos atacaram alvos civis foi que o Iraque respondeu do mesmo modo. Na verdade, nem a minoria árabe no Khuzistão se levantou contra seus opressores, permanecendo indiferentes aos seus pretensos libertadores. Saddam Hussein acreditava firmemente que uma rápida campanha abalaria o governo de Teerã, que tudo estaria terminado e que houvesse um pedido deles de um armistício.

Essas considerações se agravam quando observamos a posição geográfica do Iraque. O tamanho do Irã implicava em situação logística complicada, caso o Iraque desejasse penetrar profundamente no território de seu inimigo, com consequências que não se podiam imaginar em termos de linhas de comunicações e abastecimento, o que obstava qualquer ideia de uma guerra total. O único alento era que este mesmo grande território contribuía para dificuldades de reunião das forças iranianas dispersas e onde residia a esperança de Saddam de concluir sua ofensiva antes da estação chuvosa, em novembro, que complicaria ainda mais a situação dos iranianos. Em contrapartida, os iraquianos deixaram de considerar um fator muito importante, a natureza do terreno, que favorecia a defesa. O Shatt al-Arab era formado por grandes extensões pantanosas e rios, limitando movimento de veículos e dificultando o abastecimento. Depois de superadas suas dificuldades iniciais os iranianos souberam explorar bem as limitações do terreno inundando determi-

nadas áreas para impedir a passagem das forças iraquianas.

Então, para surpresa de todos, até mesmo dos militares iraquianos, com uma semana de operações decorrida, Saddam Hussein deu ordens para suspender o avanço, anunciando sua disposição em negociar um acordo de paz. Esta decisão teve consequências terríveis e reverteu o curso da guerra sem que os iranianos tivessem colocado suas forças em posição para contra-atacar. Uma decisão política com sérias consequências militares para o Iraque, proporcionando ao exército iraniano todas as oportunidades que precisava para se reorganizar e reagir.

Estando diante de uma vitória que considerava certa, apesar dos contratempos, o exército iraquiano sofreu um forte abalo emocional que contribuiu de maneira devastadora para destruir seu moral e conseqüentemente seu desempenho em combate. E, podemos afirmar, que a limitada invasão não representou perigo para o governo revolucionário de Teerã. A reação dos iranianos representou bem as características de um governo que ainda estava solidificando sua legitimidade e com inimigos internos ainda ativos, fortemente dominados pelos aiatolás que capitalizaram o ataque iraquiano para enfrentar as lutas internas pelo poder e combater qualquer oposição.

Em 24 de setembro, a marinha iraniana atacou Basra prejudicando severamente a capacidade iraquiana de exportação de petróleo, a força aérea atacou alvos estratégicos no Iraque atingindo complexos petrolíferos e o reator nuclear perto de Bagdá e, em 1º de outubro, a própria capital iraquiana sofreu oito ataques aéreos. Os iraquianos reagiram lançando uma série de ataques aéreos contra alvos no Irã, o que representou uma série de revides estratégicos que se tornaram característicos do conflito.

Diante de um inimigo relutante que refutava seus apelos de paz, no final de outubro e início de novembro, Saddam Hussein determinou o prosseguimento da ofensiva, quando foram atacadas as cidades de Dezful e Ahvaz que, se tivessem sido atacadas em setembro, poderiam ter sido rapidamente conquistadas. Mas em novembro estavam bem defendidas e com a che-

gada das chuvas qualquer chance de vitória era agora inalcançável.

Com a captura pelos iranianos de Khorramshahr em 24 de outubro, a guerra assumiu um aspecto estacionário e assim permaneceria por oito meses. Os iraquianos se mostravam satisfeitos com suas conquistas estratégicas e não mostravam mais nenhum interesse em ampliar os territórios conquistados o que foi confirmado por uma declaração do Presidente Saddam Hussein em 7 de dezembro.

O Irã, por sua vez preocupado com a instabilidade no país, procurou reorganizar suas forças armadas, até perdoando vários oficiais da época do Xá, em alguns casos já condenados a morte, principalmente aviadores altamente treinados e experientes. Mas estava longe de ser capaz de realizar qualquer ofensiva, e a luta se caracterizou por ataques recíprocos de artilharia e aéreos contra alvos em apoio à operações terrestres, os quais lembravam a Primeira Guerra Mundial, onde combatiam e morriam centenas de homens para controlar poucos metros de terreno, que trocavam de lado continuamente, e ações de unidades de sabotagem atrás das respectivas linhas que em nada contribuía para incrementar as operações.

Houve alguns poucos momentos em que algumas ações foram realizadas de forma mais agressiva. Por exemplo, no final de dezembro os iraquianos realizaram um avanço no norte perto de Penjwin, mas ele tinha o objetivo limitado de proteger o complexo petrolífero de Kirkuk. Ele foi obstado por uma série de ataques aéreos iranianos em apoio ao contra-ataque de guerrilheiros curdos que operavam a partir do norte do Irã. Por seu lado os iranianos, em 5 de janeiro de 1981, tentaram quebrar o impasse quando uma divisão blindada atacou Susangerd, atravessando o rio Karkheh numa tentativa de romper as linhas iraquianas. Mas estes resistiram e conseguiram manter a linha defensiva. Alguns dias depois, os iraquianos contra-atacaram com blindados e quase destruíram uma divisão blindada iraniana em uma das maiores batalhas deste tipo nesta guerra, com perdas pesadas para ambos os lados.

Ambos os contendores aproveitaram a situação estática para melhorar suas forças, as linhas de comunicações e a infraestrutura

viária para que suas forças tivessem a mobilidade necessária mesmo durante o período das chuvas. O Irã inundou algumas áreas para que não fossem utilizadas pelos iraquianos e tropas foram mobilizadas com a convocação de jovens recrutas em todo o país. Um Conselho Supremo de Defesa foi organizado e dirigido pelo Presidente Bani Sadr formado por militares e mulás, um deles representando a pessoa de Khomeini.

Já na primavera de 1981, as medidas tomadas pelos iranianos começaram a render frutos. Eles haviam estabelecido um forte sistema defensivo e estavam confiantes em poder lançar uma ofensiva a partir do setor sul. Em maio, os iranianos conseguiram expulsar os iraquianos do terreno alto em torno de Susangerd, garantindo a possibilidade de recapturá-la; em setembro, uma ofensiva em Abadan, em três dias de combates intensos com apoio de blindados, conseguiu empurrar uma divisão blindada iraquiana para a outra margem do rio Karun, liberando a cidade de Abadan.

Essas ofensivas começaram a abalar o moral dos iraquianos, que estavam a meses entrincheirados nas condições mais difíceis do verão e inverno, sofrendo toda sorte de privações, o que afetou gravemente sua vontade de lutar levando a ocorrências de deserções. O Irã soube aproveitar bem a situação, lançando logo que foi possível outra ofensiva. Desta vez, foi em Pasdaran entre 29 de novembro e 7 de dezembro quando, em uma luta feroz na chuva e na lama a cidade foi reconquistada, obrigando os iraquianos a recuar para Bostan que logo também foi capturada. As dificuldades logísticas dos iraquianos com a perda de Bostan aumentaram consideravelmente o que levou o governo de Bagdá a tentar buscar um acordo de paz informando, em fevereiro de 1982, que estava disposto a retirar suas forças do Irã por etapas, até uma conclusão definitiva do acordo de paz. Dois meses depois, o presidente iraquiano Saddam Hussein, diante da indiferença dos iranianos ao acordo, resolveu que retiraria todas as suas forças se recebesse garantias do governo de Teerã de que este movimento levaria realmente a um acordo definitivo. A resposta iraniana veio na forma de uma série de ofensivas que praticamente expulsaram de seu território os iraquianos.

A primeira dessas ofensivas ocorreu em 22 de março em Dezful Shush, durou uma semana e envolveu o maior número de tropas até então utilizadas pelos dois lados, sendo considerada a maior batalha da guerra. Os dois lados usaram armas combinadas: artilharia, infantaria, blindados e apoio aéreo aproximado. A ofensiva começou à noite com um ataque surpresa de forças blindadas iranianas seguidas de ataques suicidas de infantaria, seguido de outro em rápida sucessão causando pesadas baixas aos iraquianos. Os iraquianos tentaram contra-atacar mas o resultado foi que suas forças acabaram sendo ameaçadas de envolvimento, obrigando Saddam Hussein a dar ordem para uma retirada localizada. Mas já era tarde demais, sendo duas divisões destruídas e capturados cerca de 20.000 prisioneiros além de grande quantidade de armamento, incluindo aproximadamente 400 carros de combate.

Em abril e maio, na continuação das ofensivas, os iraquianos foram expulsos da região de Ahvaz-Susangerd, os quais se retiraram para a outra margem do rio Karun e permitindo aos iranianos o estabelecimento de uma cabeça de ponte na margem ocidental. Duas semanas depois de terríveis combates, os iraquianos se retiraram na direção de Khorramshahr que foi atacada em 20 de maio e, mais uma vez, os iraquianos sofreram uma derrota, abandonando a cidade e de novo deixando para trás armamentos e tropas, que foram capturadas.

Saddam Hussein decidiu então, retirar todas as suas forças de território iraniano, recuando-as para a fronteira a fim de estabelecer uma sólida defesa estática. E utilizando a ofensiva israelense no Líbano em junho, como pretexto, tentou novamente um acordo de paz com os iranianos. Mas estes se recusaram a negociar, anunciando que iriam continuar a guerra até a derrubada do governo iraquiano, quando então exigiriam reparações financeiras e o retorno dos xiitas expulsos pelo regime de Saddam e anunciando, ameaçadoramente, que a invasão do Iraque era iminente.

Em 13 de julho, os iranianos iniciaram a pretensa invasão lançando-se em direção a Basra, a segunda mais importante cidade do Iraque. No entanto, as tropas iranianas colidiram com uma forte defesa iraquiana em

posições bem organizadas, pois os iraquianos já no ano anterior, precavidamente, as haviam estabelecido para o caso de contra-ataque e elas abrangiam toda a região de fronteira entre os dois países. Esses preparativos se mostraram eficazes barrando sucessivos ataques iranianos e causando pesadas baixas até serem completamente repelidos. Para deter a ofensiva, o Iraque usou pela primeira vez no conflito armas químicas apesar de, naquele momento, se tratar do uso de um gás não letal, o gás lacrimogêneo, e de ter avisado sobre isso ao governo de Teerã antecipadamente. Mas seu uso mostrou-se extremamente eficaz encorajando o Iraque a usar armas químicas no futuro.

O fracasso do ataque iraniano levou a sérias discussões entre os membros do governo, sendo manifestado por sua liderança militar o perigo de se exigir demais de suas forças armadas, e informando que havia limitações para estas forças entrarem em território iraquiano. O chefe do estado-maior ameaçou renunciar ao cargo “se pessoas não qualificadas continuassem a se envolver na conduta da guerra” (Karsh, 2002, p. 38). Os militares iranianos eram apoiados pelos políticos mais moderados, que se opunham à invasão do território iraquiano, considerando o custo humano, material e político envolvidos e eram confrontados pelos Mulás que consideravam uma ameaça o apoio do mundo árabe ao Iraque e por isso deviam acelerar as operações antes que isto acontecesse.

Os linhas-duras do governo iraniano venceram a disputa e as operações continuaram, mas como previsto pelos moderados seus resultados foram medíocres e com o custo elevado em vidas nas tentativas frustradas de romper as linhas iraquianas e atacar diretamente a capital Bagdá, o que minou a frágil base das relações entre os militares e os radicais do governo. Esta situação trouxe à tona uma questão que vinha fermentando desde o início da revolução: a Guarda Revolucionária vinha se empenhando em ter precedência sobre as forças armadas, contava para isso com o apoio dos Mulás, e agora exercia sua influência para controlar a conduta da guerra e pôr em prática seu objetivo de substituir as

forças armadas do país, absorvendo-as completamente.

Em novembro, foi dado o primeiro passo neste sentido com a criação do Ministério da Guarda Revolucionária, o que retirou totalmente do controle do Ministério da Defesa as unidades da Guarda e seu emprego. Mas o Ministério da Defesa continuou responsável pela conduta da guerra o que criou uma situação na qual as unidades da Guarda passaram a operar independentes, criando sérios problemas de coordenação nas já difíceis operações de combate. Para complicar as coisas, o Basij, uma organização paramilitar controlada pela Guarda Revolucionária e formada por jovens adolescentes entre doze e dezoito anos, foi convocado para ser empregado em combate. Os resultados foram desastrosos, pois eram mal treinados e equipados e sofreram terríveis baixas diante do inimigo, minando a base para futuros conscritos das forças armadas.

No outono de 1982, a guerra tinha completado um ciclo, tendo iniciado com a mobilidade inicial dos iraquianos invadindo território iraniano, passando por um período parcialmente estacionário, voltando à mobilidade com os contra-ataques do Irã e agora se encontrava de novo estacionária. Diante desta situação, os iraquianos iniciaram uma série de ataques aéreos a vários alvos civis e econômicos aproveitando-se da precária situação da força aérea iraniana. Estes alvos incluíam indústrias, portos e complexos petrolíferos.

Em 1983, o Irã lançou cinco ofensivas ao longo da frente, não alcançando seus objetivos e ainda sofrendo severas perdas. As ações descoordenadas dos iranianos mostravam claramente suas deficiências onde artilharia, infantaria, blindados e apoio aéreo se mostravam totalmente desconexos, dando oportunidade aos iraquianos de realizarem limitadas ofensivas locais que os ajudou a estabelecer uma linha defensiva mais bem estruturada.

Mais uma vez um exasperado Saddam Hussein reiterava suas propostas de paz, que eram negadas pelos iranianos com os Mulás, no início de 1984, reiterando sua determinação de derrubar do poder o partido Baath. Para evitar as ofensivas iranianas o Iraque aumentou suas forças na fronteira e

planejou operações contra cidades fronteiriças iranianas a fim de reforçar seu dispositivo defensivo.

O Irã permaneceu pressionando, lançando em fevereiro de 1984 uma nova ofensiva, apesar de limitada. Os iraquianos reagiram lançando seus ataques aéreos planejados às cidades, iniciando o período que ficou conhecido como “Primeira Guerra das Cidades” e, até o final da guerra, cinco delas seriam travadas.

Em 15 de fevereiro, os iranianos tentaram lançar o que eles consideravam um golpe final no centro da frente, realizando sua maior ofensiva até aquele momento, colocando 500.000 homens em quase 250 km de frente. Apesar de ter sido planejado pelo estado-maior das forças armadas, foram utilizadas tropas principalmente da Guarda

Revolucionária e do Basij, com o exército participando com apenas 60.000 homens. Depois de uma semana de combates, os iranianos conseguiram avançar apenas 24 km pela estrada Bagdá-Basra. Depois de cumprir uma série de estágios da ofensiva, eles se dirigiram diretamente para Basra e por algum tempo parecia que iam atingir seus objetivos com uma importante conquista, mas foram eventualmente contidos, e de forma brutal, com os iraquianos usando armas químicas para detê-los, sendo usados os temíveis gases Mostarda e Sarin. Mesmo assim, os iranianos resistiram bravamente sustentando as posições conquistadas, mas sofreram terríveis baixas, de cerca de 3.000 mortos. Alguns dos soldados mortos eram apenas jovens adolescentes.



Jovens iranianos na frente de batalha (Fonte: fardanews.com)

2.2 As repercussões no Mundo

O temor de uma vitória dos iranianos possibilitar a estes espalhar sua militância religiosa por todo o Oriente Médio e o mundo islâmico, levou vários países a procurar de alguma forma ajudar o Iraque. A União Soviética que diante da invasão do Irã, tinha

suspendido o fornecimento de armas e condenado a agressão iraquiana declarando-se neutra no conflito, mudou sua postura quando a situação começou a ser favorável ao Irã, voltando a fornecer armamento ao Iraque em meados de 1981. E quando os

iranianos iniciaram suas incursões no território iraquiano no ano seguinte, uma quantidade ainda maior de armamentos chegou ao Iraque. Em janeiro de 1983, os dois países assinaram um acordo de empréstimo no qual a União Soviética oferecia ao Iraque, no valor de dois bilhões de dólares americanos, uma enorme quantidade de carros de combate T-62 e T-72, caças Mig-23 e 25 e mísseis balísticos de curto alcance Scud e Scarad. Até 1987 os soviéticos ainda forneceriam armas mais avançadas como os novos caças Mig-29 de última geração, equipados com o mais moderno sistema de radar.

A França apoiava o governo de Bagdá desde o início do conflito, mas de uma forma que não perturbava suas relações com os iranianos, concedendo créditos comerciais e acesso à tecnologia militar moderna e armamentos que incluíam caças, helicópteros, veículos blindados e mísseis. Isto com uma generosidade que colocava muito em dúvida suas intenções com o Irã, que podemos considerar mais condicionada a interesses econômicos do que a propagação do fundamentalismo islâmico.

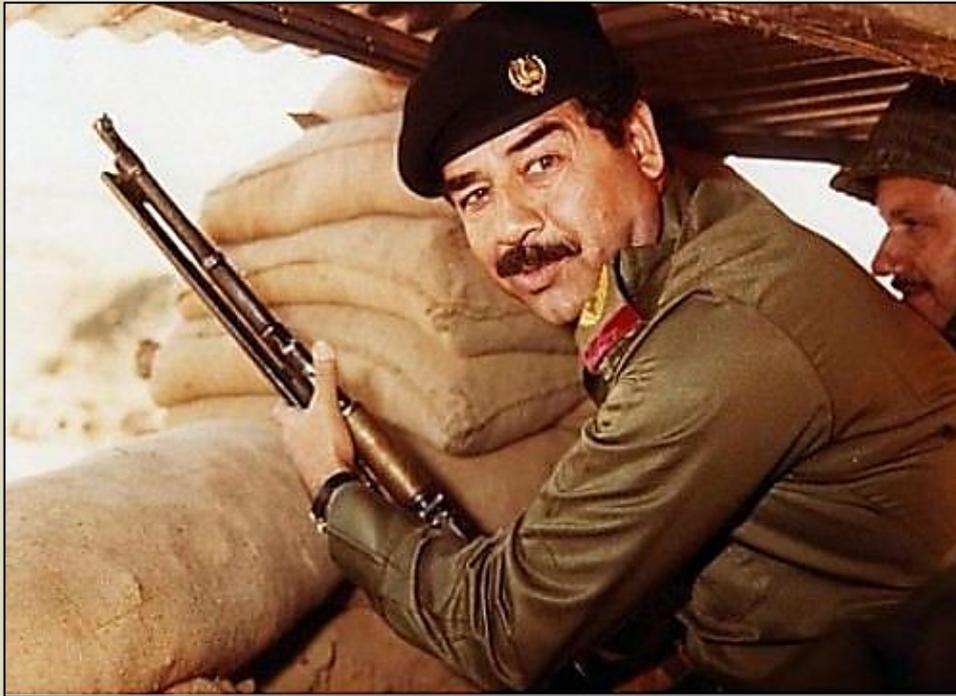
O Egito também procurou ajudar o Iraque fornecendo sobressalentes de peças para o equipamento soviético, carros de combate T-55, bombardeiros Tupolev Tu-16 e Iliushin IL-28; a Espanha forneceu veículos blindados leves e pesados; o Brasil, veículos blindados de transporte de pessoal; e a Itália suprimentos navais e peças para carros de combate de origem britânica capturados pelos iraquianos.

Os Estados Unidos estavam com suas relações cortadas com o Iraque desde a Guerra dos Seis Dias em 1967, mas isto não impediu que o ajudasse também. Em fevereiro de 1982 retiraram o Iraque da lista de países que apoiavam o terrorismo iniciando um processo de ajuda comercial e diplomática que culminou com a advertência do Secretário de Estado Alexander Haig ao governo de Teerã contra a expansão do conflito, o que na prática significava que os Estados Unidos não tolerariam uma invasão do território iraquiano. Em 1984, a embaixada dos Estados Unidos foi reinau-

gurada em Bagdá, foi fornecida importante ajuda em inteligência militar, dando aos iraquianos informações cruciais dos equipamentos americanos em uso pelos iranianos, fornecidos na época do Xá, e concedeu créditos ao Iraque que na época não havia dado a nenhum país do mundo.

Ao contrário do Iraque, o Irã se encontrava em uma difícil situação militar e econômica. Com a revolução, os Estados Unidos, maior fornecedor de armas do Irã na época do Xá, suspenderam a entrega de peças de reposição e dos armamentos restantes e os assessores militares americanos, quando deixaram o país deletaram todos os dados nos computadores, o que tornou impossível aos iranianos localizarem onde estavam estocados seus materiais e a forma de sua utilização. Sem um fornecimento regular de material bélico as forças armadas iranianas sofreram um duro golpe. Mas, finalmente, os iranianos conseguiram uma rede diversificada de fornecimento de armamentos. Os principais fornecedores foram: Líbia, Síria e Coreia do Norte que entregaram blindados, peças de artilharia, armamentos antiaéreos e mísseis anticarro; o Reino Unido forneceu peças para seus carros de combate Chieftain e para outros tipos de veículos blindados; China, Taiwan, Argentina, África do Sul, Paquistão e Suíça forneceram armas, munições e peças de reposição. Até Israel, que estava em segundo lugar depois dos Estados Unidos como um dos países mais odiados pelos iranianos forneceu secretamente pneus para os seus caças F-4 Phantom e peças de reposição para os carros de combate M-48 e M-60. Estes suprimentos estavam longe de serem suficientes para o Irã, que nunca conseguiu resolver o problema destas diversidades de fontes que já seriam difíceis em tempo de paz, quanto mais em uma guerra, enquanto o Iraque só fazia expandir suas forças.

Com isso, as operações sofreram uma diminuição pelo resto de 1984 com as frentes estabilizadas enquanto os dois lados tentavam restabelecer suas forças e realizavam incursões aéreas na tentativa de enfraquecer o lado contrário.



Saddam Hussein na frente de batalha (Fonte: ricardoorlandini.net)

2.3 A evolução do conflito

Como o Iraque estava em uma posição melhor em termos de suprimentos e armamentos começou a organizar em janeiro de 1985 sua maior ofensiva desde a invasão de 1980. Mas os iranianos frustraram suas intenções reiniciando em 11 de março sua própria ofensiva em direção a Basra com uma importante mudança de tática: abandonou os ataques frontais de massas humanas e passou a operar de forma mais convencional, sob o comando de generais do exército.

Nesta época, os iranianos mantinham o controle da rodovia Bagdá-Basra e estrategicamente poderiam, se lhes fosse possível com uma ofensiva bem organizada, teoricamente dividir o Iraque em dois. Saddam Hussein, em desespero, não esperou que isso acontecesse e ordenou ataques com armas químicas em uma escala até então nunca realizados, acrescentando ao uso dos gases já citados o Cianeto e o Tabun, e iniciou uma grande campanha de ataques aéreos e de mísseis contra trinta cidades iranianas incluindo a capital Teerã. O Irã respondeu imediatamente iniciando a “Segunda Guerra das Cidades”.

Os combates em terra voltaram a se estabilizar, com a guerra se tornando mais estratégica, com ataques, de ambos os lados, contra o transporte marítimo, centros populacionais e complexos industriais. O

Iraque, entre agosto e dezembro, lançou mais de sessenta ataques aéreos contra o principal complexo petrolífero da Ilha Kharg que, apesar de seu sucesso limitado, preocupou os iranianos, que reagiram intensificando seus ataques aéreos contra cidades iraquianas e interceptando navios no estreito de Ormuz para verificar se não estavam transportando armas para o Iraque e se mobilizando para uma nova ofensiva.

Em 9 de fevereiro de 1986, os iranianos iniciaram uma ofensiva que seria seu maior sucesso desde a contra-ofensiva que expulsou os iraquianos de seu território, rompendo as linhas inimigas em vários pontos. Capturou a península de Fao, mantendo-a apesar dos contra ataques iraquianos que não puderam usar sua vantagem em artilharia e sua superioridade aérea por causa das chuvas que caíam intensamente na região. Diante desta situação, Saddam Hussein ordenou um imediato contra-ataque que deveria incluir as unidades de elite da Guarda Republicana, que estavam bem treinadas e equipadas. Este contra-ataque iniciou-se em 24 de fevereiro. Mas apesar de sua superioridade aérea e do uso de armas químicas o Iraque não conseguiu retomar a península de Fao e os iranianos reagiram seguindo em direção a Umm Qasr. Esta situação levou a uma crise, não só no Iraque, mas em todo o Oriente

Médio, pois os iranianos ameaçavam isolar o Iraque e dominar todos os acessos ao Golfo Pérsico alcançando a fronteira com o Kuwait. Os sauditas e kwaitianos solicitaram urgentemente que a Síria intervisse junto ao governo iraniano para que se chegasse a um acordo de paz com o Iraque. A crise só tendeu a aumentar quando os iranianos lançaram uma ofensiva no norte, no Curdistão, avançando em território iraquiano. Embora esta ofensiva no norte fosse detida, a incapacidade do Iraque de retomar a península de Fao foi um duro golpe no regime de Saddam Hussein e na moral das forças armadas iraquianas enquanto o Irã estava determinado a explorar ao máximo o sucesso como propaganda e apoio moral a sua população.

Em meados de maio os iraquianos, desesperados por uma vitória, lançaram uma ofensiva no centro da frente, novamente usando armas químicas, capturaram a cidade de Mehran. Numa tentativa patética Saddam Hussein ofereceu um acordo para trocar Mehran pela península de Fao, mas Teerã não só recusou como lançou um contra-ataque e reconquistou a cidade no início de julho reiterando o desejo dos iranianos, com sua confiança aumentada, de dar um golpe final no Iraque.

Mais uma vez o líder iraquiano tentou apelar para a paz fazendo uma nova oferta aos iranianos através de uma carta aberta em 3 de agosto de 1986, renunciando as suas pretensões iniciais de controlar o Golfo Pérsico e fazendo uma vaga referência de futura colaboração entre os dois países nesta questão (Karsh, 2002, p. 49). O governo iraniano reiterou a sua negativa afirmando, categoricamente, que não poderia haver nenhum acordo enquanto o regime dirigido por Saddam Hussein estivesse em Bagdá. Diante da negativa iraniana, um irado Saddam Hussein determinou a submissão dos iranianos através de uma sucessão de ataques aéreos que visaram destruir completamente objetivos estratégicos no Irã como o complexo petrolífero da Ilha de Kharg e centros populacionais em Teerã, Isfahan e

Kermanshah. Em 12 de agosto, a força aérea iraquiana penetrou profundamente em território iraniano destruindo o terminal petrolífero da Ilha Sirri, mostrando ao governo do Irã sua capacidade de atingir alvos estratégicos além do suposto alcance operacional de suas aeronaves. Os iraquianos intensificaram também seus ataques a navios, particularmente petroleiros, que se dirigiam ao Irã. Com isso, os iraquianos pretendiam provocar uma situação em que os países que comercializavam o petróleo através do Golfo Pérsico se vissem obrigados a intervir de forma a exigir uma paz negociada, principalmente os Estados Unidos.

Essa expectativa iraquiana se mostrou eficaz, pois os iranianos já haviam anunciado que “se o transporte de petróleo do Irã for interrompido, então nenhum país do mundo será capaz de usar o petróleo do Golfo Pérsico” (Karsh, 2002, p. 50). Os iranianos por sua vez reagiram atacando navios que se dirigiam a Arábia Saudita e ao Kuwait na esperança de que estes países exercessem pressão econômica sobre o Iraque, fazendo com que eles cessassem os seus ataques. Tal era sua expectativa que, quando um caça F-15 da força aérea saudita abateu um F-4 Phantom da força aérea iraniana, estes evitaram fazer qualquer alarde, pois isto poderia obstar seu objetivo almejado.

Para desânimo de Saddam Hussein, as maiores potências mundiais se mantiveram fora do conflito. Os Estados Unidos anunciaram planos de contingência para que seus petroleiros pudessem navegar no golfo, mas na prática nenhuma ação concreta foi realizada. Obviamente que tal situação não poderia perdurar sem que suas consequências comesçassem realmente a incomodar, com os constantes ataques iraquianos causando graves prejuízos à já vacilante economia iraniana. Seus governantes reagiram intimidando diretamente o governo do Kuwait e este país viu-se na necessidade de pedir proteção para seus petroleiros contra ataques iraquianos.



Imagem chocante do Massacre de Halabja (Fonte: veja.abril.com.br)

3 CONCLUSÕES

Em março de 1987, os Estados Unidos informaram que iam prover escoltas navais com seus navios de guerra solicitando ao governo kuwaitiano que suas embarcações usassem bandeiras americanas para enfatizar esta garantia. Um mês depois a União Soviética fretou três navios para que usassem a bandeira soviética. No final de 1987, o Irã tinha diante de si mais de cinquenta navios de guerra de diferentes países patrulhando o Golfo Pérsico.

Assim garantido, o Iraque intensificou seus ataques à navegação e a infraestrutura petrolífera iraniana, que agora se via em uma situação de desvantagem e estava diante de uma situação na qual além de sofrer danos cada vez maiores estava também diante de uma possível intervenção de potências estrangeiras, com o Irã se sentindo cada vez mais isolado e desesperançado, com suas tropas deterioradas sem poder fazer qualquer progresso no campo de batalha, situação que se agravava com a crescente ambição da Guarda Revolucionária de se sobrepor ao exército, aumentando seu efetivo de forma que rivalizava com as forças armadas e tendo até uma reserva exclusiva.

O Iraque também aproveitou a ocasião para tentar se livrar dos curdos, usando intensamente armas químicas contra a população civil desprotegida. O ataque mais

chocante ocorreu em março de 1988 quando foi atacada a cidade curda de Halabja. Quando a espessa nuvem de gás lançada por aviões iraquianos se desfez, equipes de televisão foram levadas ao local e o que todo o mundo viu foi um extenso massacre com cinco mil pessoas, homens, mulheres, crianças e bebês mortos e quase dez mil com ferimentos graves causados pelas armas químicas.

Os iranianos estavam mal equipados para enfrentar uma guerra química, não dispoendo de dispositivos adequados de proteção e seu arsenal de armas químicas era irrisório, sem condições de realizar qualquer retaliação. Seu principal argumento era a propaganda, mostrando ao mundo as atrocidades cometidas pelo Iraque, mas infelizmente para eles isto não representava nada diante do prestígio que Saddam Hussein conseguiu do Ocidente e da União Soviética que, diante das ações do fundamentalismo islâmico propagado pelo Irã, fechava os olhos a massacres como o de Halabja.

Essa indiferença era reforçada pela possibilidade do fim do conflito, que já se prolongara demais, gerando problemas econômicos imensuráveis, e criando uma instabilidade na região que poderia se deteriorar a ponto de se espalhar desor-

denadamente. Diante desta possibilidade, Saddam Hussein ordenou a quinta e mais feroz “Guerra das Cidades”. Durante dois meses a partir de fevereiro de 1988 mais de duzentos mísseis balísticos de curto alcance e ataques aéreos atingiram os centros populosos do Irã. Os iranianos não estavam mais em condições de lançar qualquer ofensiva terrestre, mesmo limitada. Poderia voltar aos ataques à navegação no Golfo Persico, mas tal movimento implicava em atrito com as potências mundiais ou um confronto direto com os Estados Unidos, que o Irã precisava mais que nunca evitar.

Os funcionários do governo iraniano começaram a fugir da capital, juntando-se a uma parte da população que fazia o mesmo. Em abril, os iraquianos lançaram uma ofensiva e conseguiram reconquistar finalmente a península de Fao, seguida de uma série de sucessos militares. Em junho conseguiram retomar a Ilha Majnun, em mãos iranianas desde 1985 e em julho começaram a entrar em território iraniano ao sul fazendo, pela primeira vez, com que os iranianos negociassem a suspensão de uma penetração, retirando suas tropas ao norte no Curdistão como parte do acordo. Apesar do cumprimento da promessa iraniana, os iraquianos ainda ocuparam uma parte de seu território no centro da frente, mas de resto, todas as forças de ambos os lados se retiraram para suas fronteiras originais.

Começou então uma série de discussões dentro do governo iraniano que se mostrava como um prelúdio para o fim da guerra. Paralelamente uma terrível tragédia

serviria de argumento para o Irã sair do conflito, mostrando a imagem de uma nação sendo ameaçada pelo imperialismo de uma grande potência, tornando-se vítima do mundo ocidental. Um jato comercial iraniano foi abatido, confundido com uma aeronave de combate por um cruzador americano que disparou um míssil matando todos os 290 ocupantes a bordo. Em 18 de julho de 1988 o Presidente Sayyid Ahmad Khomeini, substituto de seu pai doente, enviou uma carta ao Secretário Geral da ONU Javier Perez de Cuellar informando que seu país aceitava formalmente um cessar fogo com o Iraque:

“Nós decidimos declarar oficialmente que a República Islâmica do Irã por causa da importância que atribui em salvar a vida de seres humanos e do estabelecimento da justiça e da paz na região e a segurança internacional – aceitamos a Resolução das Nações Unidas 598” (Karsh, 2002, p. 61).

Terminava assim um dos conflitos mais duradouros do Oriente Médio atual, que iria moldar as relações do ocidente com a região nos anos vindouros, revelando crises, ataques terroristas e uma série de ações que culminariam em uma intervenção no antes protegido Saddam Hussein que, nos meandros da política internacional, mudaria do status de aliado para um terrível inimigo das grandes potências.

Fontes:

BISHOP, Farzad; COOPER, Tom. IRANIAN F-4 PHANTOM II UNITS IN COMBAT. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2003.

KARSH, Efraim. The Iran-Iraq War 1980-1988. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing Ltd, 2002.



LANÇAMENTO DO LIVRO

*HISTÓRIA DO COMANDO MILITAR DO SUL
1953 - 2018 E ANTECEDENTES*

Na noite de 29 Out ocorreu o lançamento da obra supracitada, uma 2ª edição revista e ampliada da obra original, de 1995. O evento teve lugar no Salão Nobre do Quartel-General do Comando Militar do Sul.

Presentes diversas autoridades, inclusive os Generais de Exército Edson Leal Pujol e Geraldo Antônio Miotto, o evento foi coroado de sucesso. Os livros foram doados aos presentes, com os autógrafos dos autores (imagens abaixo).



Capa da obra



O Cel Caminha e a Vereadora Mônica Leal



Abertura do evento - as autoridades



O Gen Miotto se dirigindo aos presentes



O Gen Pujol se dirigindo aos presentes



Os autores



O Dr. Thompson Flores e o Cel Bento



Sessão de autógrafos.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
 lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>